

Para economistas, novo choque não é a saída

A economia brasileira continuará enfrentando dificuldades com a inflação e o crescimento nos próximos meses mas a resposta para seus problemas não deve ser procurada em um novo choque econômico. Congelamento de preços e salários poderia conter momentaneamente a inflação, mas os índices voltariam a subir num período bem mais curto que no Cruzado I e no Plano Bresser.

Com pequenas divergências, es-

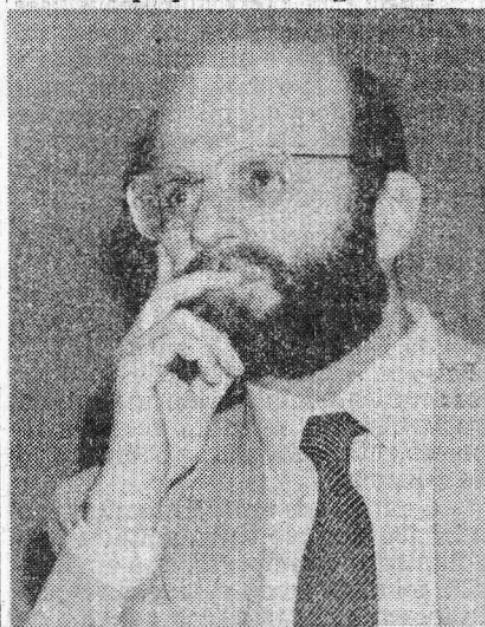
da La Fonte disse que o caminho é a retomada dos investimentos. Para isso, é necessário regras definidas e estáveis da economia e uma recuperação da formação de poupança nacional. "A questão do que poderá vir não tem sentido sem uma consistência na economia. Mas certamente não precisamos de novo choque", disse Sobrinho.

UM ANO POLÍTICO

Gilberto Dupas não acredita num novo choque nos próximos meses. Pelo contrário, ele prevê que, apesar da recente minirreforma financeira que submeteu a decisão de emitir moedas ao próprio Tesouro, o governo encontrará meios para gastar mais no próximo ano. Dupas prevê inflação alta e provável aumento do déficit público em 88. O novo presidente, a ser eleito em novembro para tomar posse em março de 89, deverá encontrar a economia numa situação difícil e, aí sim, poderá vir um forte choque com medidas convencionais (ortodoxo).

Sayad disse que a natureza da crise é política e não econômica. O problema chave, segundo ele, é a definição de quem deve pagar os 4,0% do Produto Interno Bruto que o Brasil está remetendo, por ano, ao Exterior para o pagamento de compromissos assumidos no passado. Em 87, sem condições de pagar, o País entrou na moratória mas constatou que a saída não é por aí.

Segundo o ex-ministro, os credores externos já compreenderam que os US\$ 100 bilhões que possuem no Brasil valem apenas cerca de US\$ 70 bilhões e concordam em receber, como reembolso por ano, um valor equivalente apenas a 2,0% do PIB. Só com isso, o déficit público do Brasil pode cair de 5,0% para 3,4%. Com um esforço para aumentar a eficiência do governo, pequeno aumento de impostos e corte de despesas, o déficit poderia cair para 0,4%.



Sayad: quem paga a conta?

ses foram os pontos de vista manifestados por João Sayad, ex-ministro do Planejamento; Miguel Ethel Sobrinho, presidente do Conselho de Administração da empresa La Fonte; e Gilberto Dupas, economista e ex-secretário da Agricultura, durante sessão final do V Encontro Brasileiro de Planejamento, encerrado ontem no Hotel Maksoud Plaza.

Nenhum dos três conferencistas conseguiu porém responder à questão central do encontro: "Novo Brasil: para onde vamos?" O presidente